

the beatles
REVOLVER



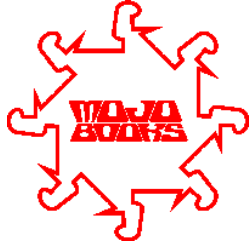
recontado por
JOTA WAGNER

Três acordes, variações de ritmo, letras mágicas, escalas sob medida, virtuosismo dos músicos, não importa. *They got their mojo working*. O disco perfeito exala um tipo de magia que não entra só pelos ouvidos, mas toma sua alma emprestada pelo tempo de algumas faixas. E o pacto de encruzilhada, aqui, é feito citando nomes da cultura pop.

Agora, esse feitiço poderoso transforma-se em literatura. Se um disco pudesse ser convertido em palavras, que história que ele contaria?

Narrativas variadas, com amores, brigas, violência — por vezes tristes como algumas canções ou com o ritmo ágil de um bom rock n´roll — estão espalhadas pela coleção.

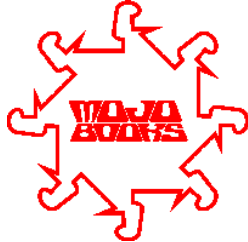
Danilo Corci
organizador



VOLUME 5

REVOLVER
the beatles

recontado por **JOTA WAGNER**



VOLUME 5

REVOLVER

the beatles

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

projeto gráfico e diagramação **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

Janeiro de 2007

I.

Eu acordei na praia. Ao meu lado, uma menina, sete casas de surfista e montanhas muito altas. O dia estava ensolarado, mas escuro. Estava quente e fresco, e as montanhas eram escuras e muito altas. Fiquei feliz e bastante intrigado por estar numa praia tão linda ao lado de uma menina, sendo que eu não sabia que lugar tão sensacional era aquele. Ela me olhava com simpatia e amizade, meu coração bateu forte; ela era legal demais. Os surfistas estavam por ali, mas a praia nem tinha onda. O mar era calmo e escuro como o dia e como as montanhas e como tudo o mais. Tudo escuro. Deitado no colchão inflável perto das pedras, olhando as montanhas, eu tinha vontade de chorar de felicidade e angústia. Ah, a menina estava sentada na pedra.

— Que praia é esta?

Não me lembro da resposta. Ela respondeu, mas não me lembro. Ela também me falou em que lugar do mapa a gente estava. As casas de surfistas eram pequenas e de madeira, e giravam apoiadas sobre uma base de ferro. Quando um deles



queria entrar em uma casa, girava a casa inteira, e havia um buraco no chão por onde eles se esgueiravam. Havia portas, mas elas não abriam.

O Paul dirigia do lado direito do carro e eu olhei feliz para o céu de Londres e calculei, pela claridade, que eram tipo quatro da manhã. Eram quatro da manhã, meu coração batia a mil e eu sorria feito uma besta enquanto olhava para o céu, para o painel do carro, para o Paul e para a mulher dele mandando uma carreirinha de cocaína; e eu me sentia feliz e completo. Tamanha era minha felicidade que nem me senti mal ao comentar o quanto ele tinha fama de careta e cuzão enquanto caras como o Mick Jagger eram tidos como legais e divertidos. Paul nem ficou bravo comigo. A mulher dele era linda demais, ela falava e sorria botando a mão na minha perna. Eu me sentia feliz e pleno tendo a mão que pegava o pau do Paul sobre a minha coxa e também me sentia realizado por ser tão legal e divertido a ponto do Paul em pessoa e de sua linda esposa rirem das minhas piadas e comentários inteligentes sobre os anos sessenta.

Tínhamos uma garrafa de vodca e enormes copos psicodélicos que enchíamos (de vodca) e bebíamos, deixando o líquido escorrer pelos cantos da boca e em cima da gente. Paul



fumava, cheirava e tomava vodca ao mesmo tempo, pois ele não era cuzão. Ele era legal, divertido e genial. Meu coração batia tão forte que meu corpo tremia, e eu sentia arrepios quando olhava o céu azul, vermelho, amarelo e verde encaracolado, a mesma cor do painel, do banco do carro, das pernas da mulher do Paul — e do rosto dela também. Conversávamos e ríamos muito quando ele bateu fortemente o carro contra alguma coisa que eu não lembro o que era, fazendo com que sua mulher estourasse o pára-brisa e voasse para fora, caindo no chão em meio aos estilhaços de vidro. Nesse momento, todos ríamos felizes, e eu disse à mulher do Paul que teríamos de preparar um lindo funeral psicodélico para ela. Paul gargalhou surpreso e, imitando um padre, disse: “Deixe que o Padre aqui vai fazer um lindo sermão”.

Pegamos a mulher do Paul e a colocamos num táxi em que banco, painel e motorista eram verdes, amarelos, azuis e vermelhos encaracolados. Ela era linda e gostosa, e enquanto ria e contava coisas divertidas, nos abraçava e beijava — e ela tinha um beijo delicioso e Paul também. Eu me sentia feliz e honrado por estar ali. O motorista nos olhou feliz com sua barba de Papai Noel preta. Bêbado e meio pancada, apresentou-se a nós como Seu Agrippino. Pedimos ao Seu Agrippino que




nos levasse a algum lugar que não me lembro direito agora, e quando chegamos à porta do velho apartamento de Aberdeen havia vários malucos querendo entrar; todos pareciam legais e bacanas como eu.



II.

Meu coração parecia querer sair pela boca de tanta felicidade e então Paul pegou a chave, que todo mundo tinha, abriu a porta e subimos pela escada, nos enroscando e falando mole. Eu pedi desculpas por ter pensado que ele era um babaca genial e ele me disse que, antes de morrer em um acidente de carro e reencarnar como seu sócia devido ao pacto que ele e John fizeram com o demônio, ele realmente era meio caretão; mas agora ele só queria saber de se divertir e de comer, ser comido e tudo mais. Chegamos à porta do apartamento de algum andar e lá estava cheio de gente *cool* e muitos escritores e artistas plásticos e todo esse tipo de gente que todo mundo quer conhecer, além de John e George e Ringo. Todos falando mole e dando risadas e bebendo bebidas com chás e com ácido, com pinga, vodca, mijo de gostosas, coca-cola e até água. Todos estavam sentados em sofás fedidos e o piso era de madeira. O piso era demais. O som estava alto, o ambiente escuro. Todo mundo falava tão alto que ninguém entendia o que o outro falava — e todos eram legais comigo e me abraçavam. E eu me senti tipo um artista plástico.





Eu estava tão feliz que cheguei correndo e pulei no colo do George, no sofá ao lado de sua mulher e outras gostosas. E ele me abraçou forte, sorriu e perguntou como eu estava, disse que estava com saudades. John viu a cena, riu e fez o mesmo pulando sobre nós numa grande e confusa massa de gente. Nós conversamos sobre todas as coisas do mundo, reservando entrelinhas para muito amor e compreensão do macrocosmo. Paul estava doidão e era o mais legal de todos a mulher dele me beijava e metia a mão no meu pau também, e eu enfiava a mão por baixo da blusa dela e na perna e tudo o mais enquanto o Paul ria e conversava com todas as pessoas do apartamento enorme.

Pelo sol a pino, calculei na sacada do apartamento que era por volta de meio-dia de um dia frio e tipicamente londrino, e eu estava tão torto que não conseguia saber onde estava o meu nariz. O apartamento continuava lotado, e eu queria me divertir ainda mais. Então John chegou com um copo na mão e um baseado na outra, falando comigo e rindo. Percebi que ele não queria nada sério, mas então pensei: “jamais terei um outro dia como este. Então perguntei se ele queria rachar um coringa comigo. Fiquei muito surpreso e me senti antenado e *cool* quando John me disse que não, que ele não sabia o que era “rachar um coringa”. Tirei um maço de baralho do bolso e cuidadosamente peguei a carta

do coringa — *aka Joker*. Eu a cortei no meio e mastigamos. John suspirou em êxtase e então eu me senti tão legal e *cool* que resolvi dar conselhos ao cara para que ele absorvesse o máximo daquela metade de carta de baralho. Falei: “mano, desliga sua mente, relaxe e flutue”. John olhou pra minha cara com os olhos virando pra cima e meio que respondeu que isso dava letra de música, o que me deixou honrado, feliz, esfuziante e tipo um artista plástico fodão que numa festa divertida havia dado um toque de letra de música a um membro de uma puta banda de rock. Brinquei novamente, perguntando se ele conseguiria imaginar uma melodia para a frase, e ele, divertido e engraçado que é, me respondeu: “Mano... louco do jeito que estou, essa música é capaz de sair com uma nota só”. Achei a piada tão, mas tão engraçada, que gargalhei alto e abracei John, emocionado, quase sufocando a garota que chupava a sua rola na sacada do apartamento.

Você não sabe o que é estar numa festa dessas, mas eu sei. As pessoas são legais, divertidas e amáveis. O ambiente é confuso e encaracolado, e as pessoas inteligentes que estão ali produzem tantas idéias geniais que estas simplesmente escapam de dentro das suas cabeças pelos ouvidos, pelo nariz e tudo mais, e ficam flutuando feito fumaça de cigarro no apartamento grande e lindo. Você pode tranquilamente pegar qualquer uma das grandes



idéias geniais que podem mudar o mundo, mastigá-las e vomitar de volta no céu sombrio daquele apartamento fantástico.

John agora era o meu melhor amigo do momento, e juntos conversávamos sobre os grandes problemas políticos, sociais e econômicos em diálogos incompreensíveis, passando por dogmas extra-sensoriais do universo conhecido e, no entanto, nos divertíamos. Essa é a beleza mágica que há em conversar com os grandes gênios. John me ouvia com atenção e simpatia e me pedia toques sobre música brasileira, mas eu não queria falar daquilo. Foi então que John, da sacada, apontou para a entrada do prédio e vimos várias viaturas policiais e do corpo de bombeiros e da Scotland Yard e todo o tipo de gente uniformizada da Inglaterra prestes a arrombar a porta de madeira com um arfete em forma de caralho. A sacada do apartamento ficou cheia de gente, todos atentos e preocupados com a iminente possibilidade de ir para um confortável xilindró inglês. Foi quando pensei que aquela seria uma boa oportunidade de salvar a cena cultural londrina com minha malandragem de brasileiro. Virei mais um copo de alguma coisa forte, coloquei meus sapatos e desci tropeçando por aquele labirinto maluco que eram as escadas do prédio.





Ao chegar ao térreo, ouvi o som ensurdecedor do aríete tentando arrebentar a porta em meio a gritos histéricos, suicídios, tiros de metralhadora e granadas de gás lacrimogêneo. Abri a porta com a chave de Paul e dei de cara com uns trezentos policiais, todos loucos para me matar. Reconheci o bigodudo que parecia ser o general supremo daquele bando de animais; seus dentes eram grandes e seus olhos vermelhos.

— Boa tarde pessoal. Posso ajudar vocês?

— Olá, tudo bem? O pessoal da vizinhança está reclamando do barulho que vocês estão fazendo aí.

— Poxa, acho que esquecemos de prestar atenção, Seu Guarda. Mas vamos ter mais cuidado a partir de agora para não incomodar mais ninguém, tá certo?

— Ok, por favor. Tenho certeza disso, de fato.

— Quer subir tomar um café? Um chá! Estou com os caras dos Beatles lá em cima.

— Não, não. Obrigado.

— Não mesmo? Sério?



— Não. Sou mais o Herman's Hermits.

Dei adeus, simpático e malandro, enquanto o grande exército maldito de canibais violentos reagiu furiosamente, com urros infernais, bombas, tiros de submetralhadora e megafones e tudo o que havia de mais barulhento e horripilante em suas viaturas quando fechei a porta do prédio. Acendi um baseado sentado na escada enquanto ouvia o som da patrulha demoníaca diminuir e diminuir, se afastando rumo ao seu próximo compromisso careta.

Voltei com meu jeito de cara esperto para o apartamento, onde garotas e artistas plásticos me receberam com entusiasmo, alegria e amor. Todos comentavam sobre como eu havia sido inteligente ao lidar com aquela horda nojenta de orcs uniformizados — e outras grandes idéias geniais foram emitidas, captadas, mastigadas e devolvidas naquele grande apartamento legal.

Olhei em volta tentando botar um pouco de realidade na minha cabeça oca, e então me liguei o quão grande era aquele apartamento, com enormes salas, muitos quartos e portas de diversas cores. Havia quadros modernos pelas paredes e, pelos cantos, esculturas caras e inteligentes.

Dei um tempo no canto da sala e foi então que comecei a ler pensamentos naquele apartamento cheio de gente doida.




Vi endemoniados, interesseiros, mulheres tristes e carentes querendo dar uma de sacana. O George queria comer a minha bunda, com o que não me lembro de ter consentido. Odeio esse momento em que, de tão bêbado, chapado e feliz, você é obrigado a se encostar num canto da sala e ficar lendo os pensamentos das pessoas. Então resolvi que era hora de sair daquele apartamento cheio de gente, e me lembro — disse eu me lembro, sim! — de descer escorregando as escadas de madeira com o George e umas meninas atrás de mim. Então, na porta do prédio velho em Aberdeen, eu me virei e falei:

— Caras, vamos dar uma volta por aí. Vamos para o parque aqui em frente, sei lá.

Todos agradeceram, felizes e contentes por terem um líder informal como eu para guiá-los na loucura real de Londres às quatro da tarde; me lembro como rolávamos todos felizes na grama sob aquele sol que nunca esquentava. George era lindo e sorridente, e seu rosto era colorido de verde, amarelo, azul e vermelho encaracolado, assim como os vestidos das lourinhas e eu senti um enorme, um gigantesco aperto de felicidade no meu coração enquanto contava histórias engraçadas sobre o Brasil para os quatro ao atravessarmos a rua em direção ao parque.



IV.



Num lindo momento de sinergia, sentimos um movimento estranho na grama, como se algum animal subterrâneo estivesse cavando um túnel em direção à superfície. Então, um buraco se abriu na grama e Louis Armstrong nos surpreendeu com seu rosto lindo e simpático, cantando a batidíssima “What a Wonderful World”. Choramos de alegria, todos juntos, enquanto ele cantava, sorridente, e as meninas jogavam pétalas de flores amarelas sobre ele. Pensei novamente o quanto eu era privilegiado por presenciar uma cena daquelas em meio a tantas vibrações positivas. Louis terminou seu número ovacionado por todos nós. Ele sorria, com a cabeça suja de terra e grama e algumas pétalas sobre o ombro. Todos se despediram dele com longos e infundáveis abraços e “obrigados” enquanto ele partia sorridente de volta ao centro da Terra.

Londres era linda e cinzenta e supercultural, e pelas ruas víamos gangues, carros pegando fogo, gente morta e muito caos. A noite estava chegando, e o George me disse que conhecia a cidade e que era hora de irmos todos para a casa dele tomar

café com leite e comer pãozinho fresco com manteiga mineira em minha homenagem. Eu me senti feliz e *cool*, apesar de ter nascido no Estado de São Paulo e de George ter se confundido. Mas tudo estava bem.

Eu não sei se falei da menina da praia dos surfistas. Eu estava louco por ela, pois eu era tímido e ela era legal e extrovertida. Ela era daquelas que ficavam com os caras tímidos, e naquele colchão inflável senti um enorme vazio no peito — como se já estivesse morto e só naquele momento tivesse me ligado. O mar era tão calmo e as pessoas calmamente entravam e saíam das casas giratórias, com movimentos automáticos e bobos, como se fossem animações de computação gráfica compondo um cenário surreal de bem-estar. Mas nada disso importava, porque eu precisava mesmo era de um *day-off*, pensei em silêncio; nem que esse estranho *day-off* durasse o resto dos dias do mundo. Mas a menina era meiga e gente boa, o que dificultava ainda mais a compreensão daquele momento estranho.



V.

A mulher do Paul chegou à casa do George sem o marido, mas, ao contrário das esposas de pessoas comuns da classe trabalhadora, ela não estava nem aí — e, pelo jeito, ela estava ligada em mim e eu nela. A sala da casa do cara era linda, enorme, com janelões de vidro que davam para um jardim com decoração indiana, tailandesa, sei lá. O que interessa é que estávamos sentados nos tapetes tomando café e esfriando a cabeça, o maxilar e o peito enquanto falávamos sobre coisas incríveis do mundo, da sociedade e das religiões. A mulher do Paul ficou apenas de calcinha e com um tipo de camisa indiana larga. Todas as garotas estavam assim, e elas diziam coisas incríveis e engraçadas. Sentíamos um grande amor comunitário no fundo do peito e deixávamos esse sentimento tomar conta da linda sala com nossas palavras, toques, cafés, beijos, atitudes e baseados. Por um momento fiquei em silêncio, vendo todos conversando, alegres. Eu queria que todos os dias fossem assim, que o tempo parasse naquele momento e queria outros tantos clichês de música popular brasileira. Agradei a Deus por ser tão legal e interessante, como um artista plástico



cool que vive no meio das celebridades mais legais do planeta. Não queria pôr tudo a perder comendo a mulher do Paul, então decidi que eu e ela, e todos ali na sala, seríamos grandes amigos para sempre — mesmo sabendo que na semana seguinte eles sequer se lembrariam de mim.

Senti-me extremamente frágil, numa praia que não conhecia, sem sequer me lembrar de como cheguei ali ou quem havia me levado — e sem saber se havia morrido ou não, tipo naqueles episódios do *Prisioneiro*. Grudei na menina como se ela fosse uma tábua de salvação psicodélica e gostosa, numa viagem de melhor amiga, e ela me tratava com doçura e um carinho meio maternal. De certa forma, eu sabia sem saber que eu nunca mais iria embora daquela praia maluca, paradisíaca e escura.

Ao observar em silêncio mais uma vez a enorme sala do George, percebi que a magia estava acabando. As pessoas olhavam umas para as outras meio que sem assunto e o sono batia forte em algumas das meninas lourinhas. George, simpático, bom anfitrião e *top-celebrity* dos anos sessenta olhou meigo para mim, com aquela carinha de “já era”. Não sou desses caras chatos, e resolvi que queria ser perfeito para aquele povo também na



despedida. E foi nesse momento que me levantei, dizendo a todos na sala que estava a fim de ir embora. Todas as garotas ficaram tristes, assim como o George. Olhei para a mulher do Paul e tive certeza de que ela sentia a mesma coisa que eu: uma sensação de que jamais esqueceríamos um do outro, apesar de saber que nunca mais nos veríamos novamente. George pagou a grana que me devia e segui direto para o aeroporto. Cheguei ao balcão da companhia aérea antipático e cínico, e obriguei a atendente *working class* a me colocar no primeiro avião para o Brasil, no que fui prontamente atendido.

FIM

REVOLVER

SOBRE A BANDA:

Os Beatles nada mais são do que a banda mais bem-sucedida da história da música popular. Estima-se que até 1985 já haviam vendido mais de um bilhão de discos, o que na época significava que havia aproximadamente um disco para cada família. Não só moldaram o futuro da música como também ditaram moda — das roupas ao cabelo — e comportamento — revoluções culturais e histeria coletiva. Em dez anos de atividade, os Beatles bateram todos os recordes. *Revolver* é o sétimo disco. Lançado em 1966, é o álbum que iniciou a guinada criativa e abertamente psicodélica da banda.

CRÉDITOS ORIGINAIS:

Revolver - The Beatles

Ilustração da capa por Klaus Voormann

Lançado em 5 de agosto de 1966

Selo: Parlophone, Capitol, EMI

Produzido por George Martin

Para mais informações sobre a banda, visite:

www.thebeatles.com

SOBRE O AUTOR:

Jota Wagner é DJ e apreciador da cultura psicodélica em todas as suas formas. Envolvido com música desde sua adolescência, Jota apresenta pela primeira vez na literatura uma homenagem a uma de suas maiores influências: Beatles em sua fase mais experimental.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPATILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- * copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- * criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

* Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.

* Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou “fair use”) concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados pelo disposto acima.

5 REVOLVER
THE BEATLES
PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. TAXMAN
2. ELEANOR RIGBY
3. I'M ONLY SLEEPING
4. LOVE YOU TO
5. HERE, THERE AND EVERYWHERE
6. YELLOW SUBMARINE
7. SHE SAID SHE SAID
8. GOOD DAY SUNSHINE
9. AND YOUR BIRD CAN SING
10. FOR NO ONE
11. DOCTOR ROBERT
12. I WANT TO TELL YOU
13. GOT TO GET YOU INTO MY LIFE
14. TOMORROW NEVER KNOWS

